REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

O SUJEITO-LEITOR NA REDE DO TEXTO LITERÁRIO

THE SUBJECT-READER IN THE NETWORK OF THE LITERARY TEXT

José Jacinto dos Santos Filho
Doutor, Universidade de Pernambuco (UPE)
E-mail: jacinto.santos@upe.br

Resumo: O ensaio teórico discute a constituição do sujeito-leitor na contemporaneidade e sua relação complexa com o texto literário, em um cenário sociocultural marcado pela velocidade das transformações e pela multiplicidade de linguagens. O objetivo central é refletir como o leitor articula suas experiências internas e externas para atribuir sentido ao texto literário, em um processo contínuo de inter-relações entre imagens, saberes e vivências. A reflexão fundamenta-se em autores como Morin (2009), ao abordar a complexidade das relações todo/parte e a necessidade de integração dos conhecimentos; Larrosa (2003), ao conceituar a leitura como experiência formativa que "nos passa"; Suassuna (2010), ao defender a articulação entre saberes; e Nicolescu (1999), cuja noção de transdisciplinaridade amplia a compreensão da leitura literária para além das fronteiras disciplinares. Argumenta-se que o sujeito-leitor, ao interagir com o texto literário, engendra uma relação dialógica que mobiliza desejo de compreensão e cumplicidade, permitindo-lhe transitar entre ficção e realidade e reorganizar suas próprias referências socioculturais. Com isso, infere-se que a leitura literária, por sua natureza polissêmica e plurivocal, constitui experiência transformadora capaz de ampliar perspectivas, romper paradigmas e favorecer a produção de novos sentidos sobre si e sobre o mundo, afirmando-se como espaço privilegiado de formação humana.

Palavras-chave: Sujeito-leitor contemporâneo. Leitura literária. Leitura como formação. Texto literário.

Abstract: This theoretical essay examines the constitution of the reader-subject in contemporary society and its complex relationship with literary texts within a sociocultural landscape marked by rapid transformations and the proliferation of languages and forms of expression. Its main objective is to explore how readers articulate internal and external experiences in the construction of meaning from literary texts, through an ongoing process of interrelations among images, knowledge, and lived experiences. The discussion draws on Morin (2009), Larrosa (2003), Suassuna (2010), and Nicolescu (1999), whose contributions address complexity, reading as a formative experience, the articulation of knowledge, and

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

transdisciplinarity, respectively. From this theoretical perspective, literary reading is understood as a dynamic and dialogical process that transcends disciplinary boundaries and mobilizes the reader's desire for understanding and complicity with the text. Through this interaction, readers move between fiction and reality while reconfiguring their sociocultural frames of reference. It is argued that literary reading, by virtue of its polysemous and plurivocal nature, constitutes a transformative experience capable of broadening perspectives, challenging established paradigms, and fostering the construction of new meanings about the self and the world. Thus, literary reading emerges as a privileged space for human formation, enabling readers not only to interpret literary texts but also to reinterpret themselves and their relationship with the world.

Keywords: Contemporary subject-reader. Literary reading. Reading as formation. Literary text.

1. Introdução

Ler o texto literário é ter consciência de que o ato da leitura requer participação integral na ação exercida. E, na contemporaneidade, que contém uma diversidade de recursos imagéticos, o sujeito-leitor necessita realizar o ato da leitura do texto literário, envolvendo-se com esse objeto estético, que lhe exige conhecimentos para estabelecer as inter-relações entre as imagens-signos, resultando numa leitura significativa.

Neste artigo, temos a intenção de refletir sobre a complexa relação que o sujeito-leitor mantém com o texto literário na atualidade, tendo em vista a dinâmica das experiências vivenciadas por esse sujeito-leitor, num mundo que vive em plena transformação, quase instantânea, em todos os seus aspectos: social, cultural e histórico. Situar-se como leitor frente a esse complexo mecanismo de transformação desafia o sujeito-leitor a um diálogo permanente com a "experiência de si" ante a necessidade de conhecer-se, experimentar-se, desafiar-se, e outros verbos de ação reflexiva.

Ao pensarmos o sujeito-leitor do texto literário como aquele que integra o conhecimento vivenciado ao longo de sua vida com as imagens literárias, fica evidente que esse leitor em destaque está por romper a barreira entre os limites

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

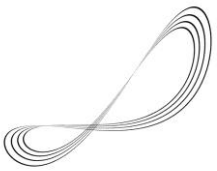
Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

espaciais da ficção e da realidade constituída. Isso porque o que é constituído socioculturalmente é também uma experiência imaginária, desde que entendamos as obras do imaginário como resultantes das ações humanas. Esse leitor percebe em si mesmo, em suas experiências, que o que ele lê reverbera tanto de fora para dentro, como de dentro para fora, ou seja, são forças, de acordo com Bakhtin (2014), entendidas como centrípetas (a que centraliza) e centrífugas (a que descentraliza), as quais atuam em simultaneidade com o movimento das tessituras sociais. Destacamos que, para esse sujeito-leitor, a leitura literária "é sempre uma afirmação de si diante do texto e cada leitura conduz a uma recomposição das representações e do repertório de valores do leitor. Por meio de identificação, o sujeito descobre a alteridade que está nele mesmo" (ROUXEL, 2012, p. 17).

Para compreendermos a dimensão desse sujeito-leitor, resolvemos dividir este texto em duas partes. Na primeira, trataremos do sujeito-leitor e sua complexidade frente às dimensões das redes sociais e culturais em que ele se situa; na segunda, refletiremos especificamente sobre este mesmo sujeito diante da leitura do texto literário.

2. Os fios do sujeito-leitor na contemporaneidade

Iniciaremos nossas reflexões sobre o sujeito-leitor na contemporaneidade com o apoio de uma imagem que servirá de base metafórica para o que intentamos expor.



Fita de Möbius[1]

A fita de Möbius foi desenvolvida pelo matemático August Ferdinand Möbius, que a estudou em 1858, em suas reflexões sobre o espaço topológico. Ela não tem lados interno e externo separados, ambos estão integrados. Por essa razão,

[1] Disponível em: https://www.istockphoto.com/br/fotos/fita-de-mobius

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

apropriamo-nos de sua imagem para demonstrar que o sujeito-leitor da contemporaneidade vivencia toda ordem de conhecimentos dentro e fora de suas relações socioculturais, de forma individual e coletiva, em simultaneidade. Isso porque o que se sabe do mundo, aquilo que se conhece faz parte desse sujeito, pertence a ele, integra-o. Temos uma imagem reflexiva desse sujeito, que vê o mundo como se vê a si mesmo.

Todos os acontecimentos externos ao sujeito-leitor afetam-no em sua intimidade, isto é, passam a fazer parte de sua experiência interior, estão nele, integram-no. Isso dizemos em virtude do que representa metaforicamente a fita de Möbius, com suas forças interna e externa em interação; assim acontece com o sujeito ao interagir com os acontecimentos de sua existência, os quais repercutem no desenvolvimento de seus conhecimentos sobre as coisas do mundo. Tais conhecimentos dinamizam as ações do sujeito nos aspectos sociais, culturais e históricos. Nesse caso, todas as atitudes imaginativas, criativas e receptivas desse sujeito são geridas por aquilo que ele passa a conhecer em seu meio e, nesse mesmo meio, ele transforma e produz novos conhecimentos.

Os conhecimentos empreendidos e vivenciados pelo sujeito repercutem na sua atuação sociocultural tanto interna (em si mesmo) como externamente (tudo que o afeta no mundo de suas experiências). Logo, as realizações desse sujeito se sucedem pelas interseções dos conhecimentos que demandam condicionantes internos e externos. Esses condicionantes são forças de poder reguladas por instituições como governo, família, escola e religião.

De acordo com o que já dissemos sobre a fita de Möbius, acreditamos que o sujeito-leitor interage com o texto, integrando os conhecimentos adquiridos nas experiências de seu contexto sociocultural e na sua formação escolar. Assim, ao ler, o sujeito-leitor evoca esses diversos conhecimentos para compreender e interpretar um texto. Como sabemos, um texto não é lido separando-se seu conteúdo, como se puxássemos fio a fio um tecido, pois isso ocasionaria fratura no entendimento dessa leitura. O sujeito-leitor lê inter-relacionando os saberes e as suas mais diversas experiências acerca do mundo.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

No ato da leitura de um texto não literário, o sujeito-leitor evoca a complexidade de uma formação escolar que fora recebida em disciplinas, como se a existência fosse divisível em partes, como se não houvesse qualquer possibilidade de relação entre elas. Mas a própria complexidade faz o sujeito-leitor perceber que o aparente caos tem uma ordem, porque, como declara Morin (2009, p. 42),

> (...) a complexidade exige que se tentem compreender as relações entre o todo e as partes. O conhecimento das partes não é suficiente, o conhecimento do todo enquanto todo não é suficiente, se ignorarmos o conhecimento das partes; somos pois levados a um vaivém em ciclo para reunir o conhecimento do todo e o das partes. Assim, substituímos o princípio de redução por um princípio que concebe a relação de implicação mútua todo-partes.

Um texto é tão complexo quanto a existência humana, assim, o sujeito-leitor integra as partes desse texto a partir do momento em que ele reúne todo o conhecimento de si e do mundo para estabelecer uma relação de sentido. Essa relação de sentido se efetiva quando sujeito-leitor e texto são concebidos como inseparáveis. Há, nesse caso, uma relação "todo-parte" e "parte-todo", por sabermos que a existência de um implica a do outro. O sujeito é um ser que se expressa geralmente com um signo para comunicar ao outro sobre si mesmo ou sobre seus saberes, portanto, desenvolve um texto para esse fim; e o texto é um enunciado de imagens verbais e não verbais, o qual veicula as ideias ou pensamentos de um sujeito para outros sujeitos, a fim de perpetuar pelo signo-imagem o sentido da sua existência.

Podemos notar que, nessa relação sujeito-leitor/texto-objeto, os limites são rompidos em prol da compreensão dos conhecimentos produzidos. Nesse caso, o sujeito-leitor compreende um texto quando o percebe como parte reflexiva de si mesmo, como fenômeno da experiência de si[2]. Isso implica dizer que toda manifestação discursiva (o texto) reflete o sujeito-leitor com todas as suas verdades,

[2] Para Larrosa (1994, p. 43), "(...) a própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. É a própria experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo etc."

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

constituídas pelas instituições que o congregam. Como podemos notar, há uma relação reflexiva complexa quando o próprio sujeito-leitor também se vê na condição de texto para compreender um texto.

A cada ato de leitura, o sujeito-leitor se reescreve pelas novas experiências vivenciadas, pelos engajamentos, pelas reordenações que dá a sua rotina, pelos novos hábitos adquiridos, pelas novas perspectivas que passa a ter por seu envolvimento sociocultural. Mas não estamos falando daquela leitura que passa apressada, que vem como uma informação superficial e em nada contribui para o conhecimento, pois não chega à intimidade do leitor; falamos daquela leitura que transforma, que atravessa as barreiras do preconceito e as tradições caducas e nos faz ver o outro lado das verdades instituídas, questiona nossas atitudes e valores, inquieta-nos, faz-nos questionar a nós mesmos. Essa leitura que tratamos é a de formação, como bem destaca Larrosa (2003, p. 28),

> Para que a leitura se transforme em formação é necessário que haja uma relação íntima entre o texto e a subjetividade. E essa relação poderia pensar-se como experiência, mas entendendo experiência de um modo particular. A experiência seria o que nos passa. Não o que passa, mas o que nos passa.[3] (Tradução nossa).

O que inferimos a partir da declaração de Larrosa é a necessidade de o sujeito-leitor tornar-se atento à grande massa de textos que quase nada comunicam; é preciso desenvolver o poder de leitura infiltrando-se nas fissuras do texto, em busca dos sentidos.

O empenho do sujeito-leitor em alcançar o sentido do texto resultará satisfatório se houver uma articulação entre os saberes do sujeito e os contidos no texto, mais ainda, se houver, em meio à complexidade da relação sujeito/texto, uma integração dos conhecimentos com o rompimento de fronteiras. E esse rompimento se consolida por intermédio dos conhecimentos transdisciplinares. Nicolescu (1999, p. 53) a conceitua a transdisciplinaridade da seguinte forma:

> A *transdisciplinaridade*, como o prefixo 'trans' indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, *através* das

[3] Para que la lectura se resuelva en formatión es necesario que haya una relación íntima entre el texto y la subjetividad. Y esa relación podría pensarse como experiencia, aunque entendiendo experiencia de un modo particular. La experiencia sería ló que nos pasa. No ló que pasa, sino lo que nos pasa. (Larrosa, 2003, p. 28)

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

> diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina. Seu objetivo é a *compreensão do mundo presente*, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Nessa perspectiva transdisciplinar, o sujeito-leitor que evocamos lê um texto em sua profundidade, apoiado em conjuntos de conhecimentos arregimentados ao longo de sua vida social. Esse sujeito adquire e produz conhecimento ao observar o mundo, no seio família, no convívio escolar, em todas as experiências socioculturais. Assim, no ato da leitura, o leitor compreende o mundo-texto muito além das barreiras disciplinares, ele o compreende pelo conjunto das partes. Quanto a isso, Suassuna (2010, p. 51) reforça nossos argumentos ao afirmar que

> a interação do sujeito leitor com o mundo, mediatizada pelo conhecimento ou pela leitura, é tão mais plena quanto mais relações se descubram entre os saberes, entre os dados da realidade, e entre esses saberes e esses dados. Mas sabemos que a "compartimentalização" do conhecimento patrocinada pela escola impede, de saída, que essas relações se materializem.

Havemos de considerar que duas forças agem sobre o sujeito-leitor, conferindo-lhe mobilidade para a compreensão de um texto: as forças centrífugas e as centrípetas. Essas forças atuam de maneiras opostas, uma se movimenta de fora para dentro e a outra, de dentro para fora. No entanto, considerando os trajetos socioculturais e históricos do sujeito-leitor, entendemos que elas não entram em conflito, porque essas forças se ajustam à realidade do conhecimento do leitor, assim ele filtra o que lê a partir de suas experiências individuais e de condicionantes socioculturais.

3. Os fios do sujeito-leitor do texto literário

O encontro do sujeito-leitor com o texto literário acontece numa encruzilhada de possibilidades, entre o fato e a ficção, ou entre a palavra e a imagem mental. Nesses entrecruzamentos o que menos conta é a verdade, vale mesmo o que se experimenta ou se vive quando se lê um texto literário. Pois o experimentado e o vivido, no ato da leitura, são tão contingentes quanto a objetividade da ciência e todo o conhecimento por ela produzido.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

A relação do sujeito-leitor com o texto literário é dialógica, pois tanto o sujeito-leitor confere *anima* às imagens literárias, percebidas através dos signos verbais, como delas poder participar, trazendo novas experiências, novos paradigmas, entendendo que essas imagens são animadas pelas muitas outras imagens (verbais e não verbais) da complexa existência do imaginário sociocultural. Isso dizemos, porque percebemos que o texto em questão se apresenta como o outro, um outro de múltiplas vozes socioculturalmente representadas pelas imagens verbais e não verbais. No momento dessa relação eu/outro, manifestam-se os desejos[4] de compreensão e de cumplicidade.

O desejo de compreensão se realiza no momento em que o sujeito-leitor dialoga com o texto literário e compreende a si mesmo e o mundo que o circunstancia. Por esse desejo, o sujeito-leitor rompe a barreira de sua própria obscuridade frente às questões do mundo factual e passa a se perceber no texto literário como parte de um espaço tão complexo quanto o de suas referências sociais. Um espaço que ele sabe que não é legítimo do ponto de vista documental, testemunhal, mas que é um mundo de possibilidades que se legitima a partir das experiências que esse espaço suscita. Diante disso, o desejo de compreensão do inusitado incita-o a querer conviver com a eternidade da imagem literária que, por sua vez, é desejante de mais outras imagens, sucessivamente.

Quanto ao desejo de cumplicidade do sujeito-leitor, este se realiza quando o leitor se desloca espaço-temporalmente pelas frestas da literatura e passa a ter as imagens como suas parceiras, como parte de sua história de vida, imagens que o motivam ao sorriso e à tristeza, à passividade e à luta, a viver todos os possíveis sentimentos e ideais nesse outro lugar de transcendência. Pelas imagens literárias, o sujeito-leitor vivencia todas as experiências de ser sem o ser, porque, com elas, ele compactua um jogo de conjeturas em virtude das contingências. Nesse jogo de possibilidades, o desejo de cumplicidade do sujeito-leitor evidencia-se quando ele

[4] Entendemos desejo na concepção de Dewey como "atividade que procura agir no sentido de romper o dique que a retém. O objeto que se apresenta no pensamento como meta do desejo é o objeto do ambiente que, se estivesse presente, garantiria a reunificação da atividade e a restauração de sua unidade". (*apud* Abbagnano, 2012, p. 283).

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

articula as intimidades das suas experiências e do mundo onde ele vive com o silêncio das imagens literárias.

O texto literário é desenvolvido por um conjunto de imagens complexas; tecidas pelas interações do autor com as imagens. Essas imagens, que fazem parte do imaginário individual e coletivo, provêm dos envolvimentos socioculturais dos quais fazem parte sujeito-leitor e autor. Ambos são afetados pelas sucessões de ocorrências no meio em que vivem, com todas as relações que são mantidas na vida em família, profissional, escolar, religiosa e outras. Isso implica dizer que as narrativas ou os poemas são "documentos" da sensibilidade imaginativa, os quais são expressos esteticamente. E, como literatura é expressão estética, seu desenvolvimento está articulado com o posicionamento de quem a elabora ou que cria seus espaços, bem como pelo poder de subjetivação imposto pelo seu entorno sociocultural. Então, as personagens de uma narrativa ou o eu lírico, no poema, são entidades que exprimem as percepções de quem escreve literatura, como também expressam as vozes sociais. Por sua vez, o sujeito-leitor, ao vivenciar a experiência do texto literário, posiciona-se diante de tal artifício, de acordo com suas referências socioculturais, para ler e interpretar a obra.

O envolvimento do sujeito-leitor com o texto literário é de coparticipação, porque um contribui com o outro numa permanente construção de sentido e significação. Como sabemos que literatura é arte, ela está sempre reproduzindo sentido e se ressignificando a cada nova leitura. O sujeito-leitor, diante dessa arte, é convidado a sentir e a experimentar as imagens que compõem esse mundo em particular.

No ato da leitura do texto literário, o sujeito-leitor se engaja com o texto, vivenciando uma relação complexa com essa tessitura em que todo conhecimento é provisório, justificado pela dinamicidade da existência humana, das trocas permanentes que o sujeito faz com o seu entorno sociocultural. Esse sujeito-leitor é ativo em todas as circunstâncias, isso o leva a ter novas perspectivas, a ver tudo por ângulos diferentes a cada movimento que ele realiza no meio onde vivencia as suas experiências. Dessa forma, cada ato leitor empreendido é caracterizado por pontos

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

de vista que acompanham a mobilidade social, cultural e histórica do leitor. Nenhuma leitura, nesse caso, permanece a mesma, ela é sempre outra.

Percebemos que o texto literário é um sistema complexo, cuja relação todo/parte e parte/todo faz toda diferença no ato da leitura. Para Morin (2009, p. 43), sistema "é uma relação entre partes que podem ser muito diferentes umas das outras e que constituem um todo que é, simultaneamente, organizado, organizando e organizador". Por esse conceito, chegamos a entender que o texto literário, por ser uma malha de imagens de significação plural, a compreensão depende de como o sujeito-leitor organiza as imagens desse texto. Percebemos que, mesmo sendo uma malhar de imagens plurissignificativas, o texto literário possui uma organização interna que permite ao leitor compreendê-lo no conjunto. Há no texto literário um elemento organizador que orquestra as imagens em favor de sua compreensão. Acreditamos que sejam as sucessivas experiências externas e internas do sujeito-leitor que o permitem viver a integridade do texto e dele perceber sentidos.

Como a palavra-imagem no texto literário é plurissignificativa, polissêmica, plurivocal, sua compreensão se faz de acordo com o contexto, ou seja, essa compreensão será realizada de acordo com o jogo situacional de âmbito social, cultural, histórico e individual do sujeito-leitor, porque "através desse jogo do texto à palavra, e do texto ao contexto, do contexto à palavra, o sentido vai cristalizar-se. Por outras palavras, a inserção no texto e no contexto é uma necessidade cognitiva evidente" (Morin, 2009, p. 51). Isso significa que, para que um texto literário faça sentido, é necessário que haja uma interação com a palavra-imagem e com a rede de relações que ela estabelece. A palavra-imagem não faz sentido ao ser isolada do texto, pois não diria nada, nada representaria, ela só faz sentido a partir das conexões contextuais possíveis.

As obras literárias, sejam romances, novelas, contos, poemas e outras, não passam de um grande fragmento de representações imagéticas. Dizemos isso tendo em vista a dimensão da vida humana, pois tais obras querem representá-la em imagem, são partes que falam de um todo e por esse todo são compreendidas. Um texto literário não diz tudo a respeito das experiências de uma personagem de uma

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

narrativa, ou sobre o eu lírico de um poema, porque não passa de um recorte, de um instante de uma determinada situação experienciada pelo leitor.

O sujeito-leitor lê o texto literário como se estivesse num caminho com várias bifurcações, logo, as escolhas do trajeto da leitura dependem do potencial de experiência desse leitor. Isso implica dizer que o texto literário é um metatexto, isto é, um texto que em si traz outros textos ou faz referência a outros, e também dialoga com os vários outros textos do conhecimento do sujeito-leitor. E, como esse sujeito lida com uma amplitude de textos dos mais variados conhecimentos organizados em disciplinas, podemos também dizer que o leitor interage de forma transdisciplinar com o texto literário, no momento em que ele rompe as fronteiras que separam os conhecimentos da vida prática com as imagens do texto literário e confere a este uma unidade de sentido.

A ideia de transdisciplinaridade vinculada ao texto literário se justifica por ser o espaço literário um conglomerado de conhecimentos das mais variadas áreas do saber. Por essa razão, ele permite ao sujeito-leitor refletir sobre os mais complexos temas de âmbito social, cultural, histórico, filosófico e outros. Pelo texto literário, o sujeito-leitor contata suas próprias experiências e as do mundo de sua referência. Por isso, entendemos que o sujeito-leitor passa a ter uma "visão transdisciplinar, que é ao mesmo tempo uma visão transcultural, transreligiosa, transnacional, transhistórica (*sic*) e transpolítica, [que] conduz [o leitor], no plano social, a uma mudança radical de perspectiva e de atitude" (Nicolescu, 1999, p. 155).

Uma leitura atenta do texto literário permite ao leitor perceber as nuances do texto e vivenciar as imagens literárias como se vive no cotidiano social. Ela possibilita ao sujeito-leitor um mergulho na profundidade labiríntica do texto e um retorno à exterioridade, transformado. Uma transformação que se opera no sujeito-leitor a partir de novas perspectivas sobre si mesmo e o seu meio, conferida pelo poder subjetivo da literatura, que torna possível visualizar as sutilezas das experiências humanas.

Percebemos que o sujeito-leitor, em consonância com o texto literário, transforma-se, desde que o ato da leitora seja uma experiência formativa, atravesse os limites das imposições institucionais e ele passe a compreender a si e ao mundo

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

por novas perspectivas. O ato leitor só é produtivo quando possibilita ao leitor ver e sentir o novo, não o continuísmo caduco. Disso entendemos que o texto literário contribui com novos paradigmas ao proporcionar ao sujeito-leitor outras possíveis matrizes para o conhecimento da experiência humano.

O ato da leitura é ação; força que inter-relaciona a interioridade com a exterioridade das práticas socioculturais e engendram outras relações e, consequentemente, a produção de novos textos, que asseguram o desdobramento de novos conceitos, concepções, modelos, ideais, crenças, valores etc. à experiência de si do sujeito-leitor. E o texto literário permite toda essa possibilidade de novas experiências em virtude de seu caráter polissêmico e plurivocal, pois cada retomada da leitura desse texto, uma outra perspectiva se configura em razão da própria dinâmica social em que vive o sujeito-leitor e que, sobre ele, atua.

Assim, o ato da leitura vai além de uma simples relação entre o sujeito-leitor e o texto literário, dá-se por uma transrelação, pois rompe fronteiras entre o esteticamente configurado e o factual. Isso é possível em virtude de concebermos as construções humanas a partir das experiências perceptivas e imaginárias, quer individual ou coletivo, ou seja, as ciências e a arte são projeções humanas que dão forma, sentido e significado ao mundo onde vivenciamos nossas experiências.

4. Considerações finais

A reflexão desenvolvida ao longo deste artigo evidencia que o sujeito-leitor contemporâneo se constitui em permanente diálogo com as múltiplas redes socioculturais que o atravessam e que, simultaneamente, são por ele ressignificadas. Ao recorrer à imagem da fita de Möbius, como uma metáfora, compreendemos que as experiências de mundo na interioridade e exterioridade do leitor não se encontram dissociadas no processo de leitura, mas articuladas de modo contínuo, produzindo sentidos que emergem da complexidade das experiências humanas. Nesse cenário, a leitura literária revela-se como espaço privilegiado de formação, pois convoca o leitor a reorganizar seus saberes, confrontar suas referências e ampliar seu horizonte interpretativo.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

O texto literário, entendido como sistema complexo de imagens e vozes, exige do sujeito-leitor uma postura ativa, sensível às nuances e aos atravessamentos que constituem sua própria historicidade. Assim, a leitura deixa de ser mera decodificação para tornar-se experiência transformadora, capaz de instaurar rupturas, deslocamentos e novas formas de compreender o mundo e a si mesmo. Reconhecer a literatura como prática transdisciplinar e formativa é, portanto, reconhecer sua potência para fomentar possivelmente sujeitos mais críticos, imaginativos e conscientes das relações que tecem a vida social. O ato de ler, nesse contexto, não apenas reflete o sujeito-leitor, mas o recria, reafirmando o texto literário como horizonte inesgotável de significação e humanidade.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**: estúdios sobre literatura y formación. México: FCE, 2003.

_____. Experiência e alteridade em educação. **Revista reflexão e ação**. Santa Cruz do Sul, v 19, n 2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

LARROSA, J. Tecnologias do eu. In: Silva, T. T. **O sujeito da educação:** estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.

MORIN, Edgar; MOIGNE, Jean-Louis Le. **Inteligência da complexidade**: epistemologia e pragmática. Lisboa, PT: Instituto Piaget, 2009.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.

ROUXEL, A. (2012). Mutações epistemológicas e ensino de literatura: o advento do leitor como sujeito. **Revista Criação & Crítica**, *9*, 13-24. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v5i9p13-24.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 04/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/jcqt8617
Pages: 1-14

SUASSUNA, Lívia. **Ensino de língua portuguesa**: uma abordagem pragmática. 12. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

CC BY